

Contradição à encontro

Graziella da Costa Bonifácio

3º Ano do Ensino Médio

 entreascapas25@gmail.com

Nada nunca foi fácil para Pérola... Complicado. O mundo era preto e branco, como se não houvesse vida: a solidão. Talvez porque ela se importava demais — ou de menos. A realidade nunca souu como uma coisa agradável... até a chegada dele. Ele a iluminava, trazia vida, florescia, transbordava, supria, sorria, mantinha, controlava, estressava, encabulava, transtornava, efêmera. Por que se entregar? Ela não devia nada a ele, quanto menos ele a ela. Algo a dizia que sim. Já que mandou uma mensagem de texto chamando-o para andar. Naquela noite fria, Pérola se encontraria com o “amor da vida”. A animação tomava conta do coração dela, fazendo-a se arrumar uma hora antes.

Quem sabe aquele momento fosse a virada de chave. Uma mudança que estava tão perto, mas tão longe. Ao descer as escadas, a notificação ecoou na tela do telefone, deixando-a ciente de que ele chegara. E lá ele estava, radiante, com um pingo de mistério envolto à sua pele. Seu olhar sobre ela poderia dizer que tudo mudaria naquele instante: a esperança de um mundo melhor — ou de um caos eterno. No fim, tudo virava dúvida quando o fim se tratava dele. Isso assustava a pobre, perdida e perfeita Pérola. O reencontro, após tanto tempo, deixava a desejar, dadas as consequências do último encontro.

Após um abraço rápido, ela colocou as mãos para trás e caminhou calmamente ao lado do homem. Nas costas, cutucava a cutícula do próprio dedo com a ponta da unha de gel. Aquela noite poderia ser a pior de todas ou a melhor. O silêncio que pairou entre eles, quando ele cessou a fala, foi quase constrangedor. Fazia meses que não nos víamos ou nos falávamos, e, para Pérola, isso era motivo de vergonha — algo perceptível pelas bochechas coradas e pelo olhar fixo nos próprios pés.

Jordan, talvez, se preocupasse com o rumo da noite ou com o fato de a garota não estar se expressando. Em poucos segundos, voltou a falar, atraindo o olhar dela com um semblante mais sério. Ao final de suas perguntas, Pérola respondeu com um leve sorriso e ajeitou o cabelo suavemente.

— Eu estudei bastante. Lembra que eu fazia faculdade? Estou me saindo melhor nos estudos. Não costumo ir a festas, prefiro um bar, muita bebida ou a paz de casa... com bebida, claro. Mas os meses foram solitários — disse Pérola, suspirando por uma tristeza profunda. — Quase não recebo ninguém em casa, além de você, meu irmão e meu sobrinho. Como eles sumiram, fiquei bastante sozinha, o que me ajudou a focar mais na faculdade. E como estão as coisas por lá?

Ela soltou as mãos das costas, sentindo o frio na extensão da pele, e tocou a própria calça, batucando os dedos levemente. Sentia um frio na barriga, como se algo estivesse errado. O olhar permanecia constante no mais alto, permitindo que o observasse como antes. Pérola andava ao lado de Jordan, tentando não pensar na sensação estranha que estava sentindo. De repente, ele parou e falou:

— Pérola, você precisa me ouvir.

Ela parou de andar, sentindo um aperto no peito. Forçou um sorriso e o olhou.

— O que aconteceu?

— Tudo isso, Pérola... Eu, isso... não passa de uma mentira que você contou para você mesma.

As palavras tocaram no fundo da alma da mulher. Ela negou com a cabeça, tentando afastar as lembranças: noites vazias, conversas sem resposta, mensagens que talvez nunca tenham sido enviadas. Será que aquilo era mesmo real? Não, não, Pérola. Está tudo bem, tudo sob controle, ela pensava.

— Não — sussurrou, quase avançando nele —. Você está aqui, querido. Eu estou vendo você!

— Porque você quer acreditar nisso, Pérola — murmurou, e a voz se distanciava como se ele fosse sumir a qualquer momento. Pérola esticou as mãos para tocá-lo, mas foi em vão; Jordan não estava ali.

Na calçada daquela rua, naquela noite fria, ela percebeu o que sempre ignorou: ele nunca esteve com ela.

Ela sabia disso desde o início.

A luz branca apareceu devagar, como se estivesse acordando de um coma. O chão asfaltado virou um piso liso. O vento desapareceu e, no lugar, apenas um ar seco se fez presente. Pérola abriu os olhos e percebeu que estava deitada em uma cama pequena.

— Pérola? — ouviu uma voz preocupada. Uma mulher de jaleco estava ali, segurando uma prancheta nas mãos e encarando a mais nova. — Você está bem?

— Ele estava aqui... — sussurrou, com as mãos ainda trêmulas. A mulher suspirou, o olhar atencioso quase sentia pena da garota sentada.

— Vamos conversar depois, tá? Agora, descanse, querida.

Pérola viu a mulher sair e trancar a porta. A garota finalmente entendia onde estava: num quarto de um hospital psiquiátrico. Mas, mesmo ali, no silêncio, ainda podia ouvir a voz de Jordan — e isso era o que mais dava medo.